



Revista Eletrônica Peregrino da Esperança

Volume 1 – Número 2 - 2025

A Devoção a Nossa Senhora Aparecida: Perspectivas Históricas e Teológicas

Luiz Eduardo Miranda José Rodrigues

luizaerodesign@gmail.com

*“Sob o manto azul de Aparecida, o mistério da graça se faz história,
e a história do povo se torna oração.”*

Resumo

O presente artigo aborda a história, a veneração e a espiritualidade relacionadas a Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, sob a ótica da Igreja Católica Apostólica Romana. Inicia-se com o relato histórico do encontro da pequena imagem nas águas do rio Paraíba do Sul, enfatizando o contexto social e religioso do início do século XVIII e os primeiros sinais de devoção popular. Em seguida, examina-se a consolidação do culto, a construção de santuários e a oficialização do título de Padroeira do Brasil, mostrando como a fé mariana se entrelaçou à identidade cultural e espiritual da nação.

O artigo aprofunda a reflexão teológica sobre a figura de Maria, destacando sua maternidade espiritual, sua função mediadora em relação a Cristo e sua presença consoladora na vida do povo brasileiro. São analisadas, ainda, as manifestações concretas dessa devoção: peregrinações, celebrações litúrgicas, obras de caridade e o impacto na religiosidade popular, evidenciando como a fé mariana transforma a experiência cotidiana dos fiéis. Ao longo do texto, busca-se articular uma perspectiva devocional e histórica, demonstrando que a Mãe Aparecida é um ícone da misericórdia divina, da esperança cristã e da união do povo sob o olhar maternal de Maria.

O estudo conclui que a devoção a Nossa Senhora Aparecida é simultaneamente expressão da fé popular e fenômeno teológico, revelando a ação de Deus na história do Brasil e a centralidade de Maria como guia espiritual, modelo de humildade e intercessora de todos os fiéis. A Padroeira do Brasil é, assim, testemunho vivo da graça divina que se manifesta nas realidades concretas do povo, conduzindo-o sempre a Cristo e fortalecendo sua identidade e esperança na fé católica.

Abstract

This article explores the history, veneration, and spirituality associated with Our Lady of Aparecida, the Patroness of Brazil, from the perspective of the Roman Catholic Church. It begins with the historical account of the small statue found in the waters of the Paraíba do Sul River, highlighting the social and religious context of early eighteenth-century Brazil and the initial signs of popular devotion. It then examines the consolidation of her cult, the construction of shrines, and the official recognition of her title



as Patroness of Brazil, illustrating how Marian devotion became intertwined with the nation's cultural and spiritual identity.

The article delves into the theological reflection on Mary, emphasizing her spiritual motherhood, her mediating role in relation to Christ, and her consoling presence in the life of the Brazilian people. Concrete expressions of this devotion—pilgrimages, liturgical celebrations, charitable works, and the impact on popular religiosity—are also analyzed, showing how Marian faith transforms the daily experiences of the faithful. Throughout the text, both devotional and historical perspectives are articulated, demonstrating that Our Lady of Aparecida is an icon of divine mercy, Christian hope, and unity under Mary's maternal care.

The study concludes that devotion to Our Lady of Aparecida is simultaneously an expression of popular faith and a theological phenomenon, revealing God's action in Brazilian history and Mary's central role as a spiritual guide, model of humility, and intercessor for all believers. The Patroness of Brazil thus stands as a living witness to the divine grace manifested in the concrete realities of the people, continually leading them to Christ and strengthening their identity and hope in the Catholic faith.

1 – Introdução

A história de Nossa Senhora Aparecida é mais do que um simples episódio da religiosidade popular; é uma manifestação profunda da presença amorosa de Deus na vida do seu povo, revelada através da ternura materna da Virgem Maria. A devoção à Mãe Aparecida ocupa um lugar central na espiritualidade do Brasil, sendo não apenas um símbolo de fé, mas também um elemento de identidade nacional que une pessoas de todas as regiões, raças e classes sociais. Em cada olhar voltado para sua imagem, encontra-se a esperança que renasce, a confiança que se restaura e a fé que se renova. A figura de Maria, sob o título de Aparecida, é o reflexo vivo da graça divina que se manifesta na simplicidade dos corações humildes e crentes, recordando as palavras do Magnificat: “Exultou de alegria o meu espírito em Deus, meu Salvador, porque olhou para a humildade de sua serva” (Lc 1,46-48).

A devoção a Nossa Senhora Aparecida tem suas raízes em um acontecimento histórico datado de 1717, quando três pescadores, ao lançarem suas redes nas águas do rio Paraíba do Sul, encontraram o corpo e depois a cabeça de uma pequena imagem da Imaculada Conceição. A partir desse instante, uma série de sinais e milagres começou a ser atribuída à intercessão daquela que o povo, com amor e simplicidade, passou a chamar de “Aparecida”. O surgimento da imagem nas águas não é um fato isolado, mas um evento carregado de significado espiritual e teológico. Assim como Maria apareceu na história da salvação para trazer ao mundo o Salvador, a imagem “aparecida” nas águas simboliza a presença



materna de Deus emergindo na vida cotidiana do seu povo, um sinal de que o amor divino se manifesta onde há fé, esperança e entrega confiante.

A tradição católica sempre reconheceu em Maria a mulher que, pela sua fé inabalável, se tornou colaboradora íntima do plano redentor de Deus. O Concílio Vaticano II, na constituição *Lumen Gentium*, afirma que “a Bem-Aventurada Virgem foi predestinada desde toda a eternidade, como Mãe de Deus, juntamente com a Encarnação do Verbo divino” (LG 61), e que “foi exaltada pelo Senhor como Rainha do Universo, para ser mais plenamente conforme a seu Filho” (LG 59). A devoção a Nossa Senhora Aparecida, portanto, encontra seu fundamento mais profundo na própria teologia mariana da Igreja: venerar Maria é reconhecer a obra de Deus nela realizada, e é por meio dessa veneração que o fiel se aproxima de Cristo. Na piedade popular brasileira, essa dimensão teológica se entrelaça à experiência espiritual do povo, que, ao dirigir-se à Mãe Aparecida, encontra consolo, proteção e intercessão.

A presença de Maria sob o título de Aparecida foi gradualmente se consolidando como expressão do amor maternal de Deus por uma nação marcada pela fé e pela diversidade. Ao longo dos séculos, sua devoção cresceu e ultrapassou as fronteiras regionais, tornando-se um símbolo de unidade nacional e um testemunho da vitalidade da Igreja Católica no Brasil. A proclamação de Nossa Senhora Aparecida como Padroeira do Brasil pelo Papa Pio XI, em 1930, foi o reconhecimento eclesial desse vínculo espiritual entre Maria e o povo brasileiro. Desde então, a imagem negra e singela da Mãe Aparecida tem sido um sinal eloquente da predileção divina pelos humildes e marginalizados, uma lembrança de que “Deus derruba os poderosos de seus tronos e exalta os humildes” (Lc 1,52).

Este artigo propõe-se, portanto, a analisar a história, a teologia e a espiritualidade que envolvem a devoção a Nossa Senhora Aparecida sob a ótica da Igreja Católica Apostólica Romana. A investigação busca compreender o significado desse culto mariano à luz da Tradição e do Magistério, interpretando a devoção como expressão autêntica da fé cristã e como caminho de encontro com Cristo. Nesse percurso, o estudo abordará as origens históricas da devoção, o desenvolvimento do culto, a dimensão teológica e mariológica, o papel pastoral da Igreja e a mensagem espiritual que a Mãe Aparecida transmite aos fiéis. Mais do que um exercício teológico, este trabalho é também um convite à contemplação do mistério de Maria como Mãe, Discípula e Serva, aquela que continua a dizer com ternura e firmeza ao coração de cada fiel: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5).

2 – A Descoberta da Imagem e os Primórdios da Devoção

O início da devoção a Nossa Senhora Aparecida está intimamente ligado a um episódio simples e misterioso que se tornou um marco na história espiritual do Brasil. Em outubro de 1717, na vila de Guaratinguetá, no Vale do Paraíba, três pescadores — Domingos Garcia, Filipe Pedroso e João Alves —



foram encarregados de fornecer peixe para um banquete em homenagem ao Conde de Assumar, Dom Pedro de Almeida e Portugal, então Governador da Capitania de São Paulo e Minas de Ouro. As águas do rio Paraíba do Sul, contudo, pareciam estéreis, e a pesca infrutífera refletia o cansaço e a incerteza daqueles homens humildes. Foi então que, ao lançarem suas redes uma vez mais, retiraram das águas o corpo de uma pequena imagem de terracota escurecida pelo tempo; em seguida, lançando novamente as redes, encontraram a cabeça que completava a peça. Após unirem as partes, continuaram a pesca e, para espanto e alegria de todos, os peixes começaram a abundar nas redes, enchendo o barco.

Aquele acontecimento simples, marcado pela fé e pela surpresa, foi interpretado como um sinal da presença de Deus por meio da intercessão de Maria. A imagem, de cerca de 40 centímetros de altura, representava a Imaculada Conceição, título sob o qual Maria é venerada desde os primórdios do cristianismo. A cor escura da imagem, resultado provável da ação do tempo e do lodo do rio, adquiriu um significado profundo para o povo brasileiro: uma Maria próxima, identificada com o rosto mestiço e sofrido de sua gente. A partir daquele momento, o pequeno grupo de pescadores e suas famílias passou a reunir-se em oração diante da imagem, iniciando uma devoção que rapidamente se espalhou pela região.

O acontecimento da pesca milagrosa e o encontro da imagem constituem, sob o olhar teológico da Igreja, um sinal de epifania — uma manifestação da graça divina em meio à simplicidade do cotidiano. Assim como no Evangelho de Lucas, em que o anjo Gabriel anuncia a Maria que “para Deus nada é impossível” (Lc 1,37), também o episódio de Aparecida revela que a fé do povo humilde é o terreno fértil onde Deus manifesta sua presença. O Papa João Paulo II, em sua homilia no Santuário Nacional de Aparecida, em 4 de julho de 1980, afirmou: “Neste lugar santo, Maria manifesta-se como Mãe do povo brasileiro, conduzindo-o à fé, à esperança e à caridade.” O milagre da pesca abundante, portanto, não é apenas um evento prodigioso, mas uma catequese viva sobre a confiança em Deus e sobre o poder da intercessão de Maria.

A devoção a Nossa Senhora Aparecida foi se fortalecendo nas décadas seguintes, primeiro em pequenas reuniões familiares e depois em celebrações comunitárias. A imagem permaneceu por anos na casa de Filipe Pedroso, onde se formou um oratório doméstico que logo se transformou em local de peregrinação. O povo acorria de longe para rezar, agradecer e pedir graças. Com o aumento da devoção, construiu-se uma capela modesta, e as narrativas dos milagres começaram a circular oralmente, transmitidas de geração em geração. Entre os mais conhecidos, destaca-se o milagre da corrente quebrada quando um escravo fugitivo, ao ser recapturado e amarrado com correntes diante da imagem, viu suas amarras se soltarem milagrosamente. Esse episódio, carregado de simbolismo, foi interpretado pelo povo como um sinal da libertação espiritual e da dignidade que Maria, Mãe de todos, oferece especialmente aos pobres e oprimidos.



A partir de uma perspectiva teológica, esses primeiros acontecimentos expressam de forma concreta o que a Igreja reconhece como a *manifestação da fé do povo de Deus*. O *Diretório sobre a Piedade Popular e a Liturgia* (2002), documento da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, ensina que a religiosidade popular “exprime um sentido inato de Deus e uma capacidade espontânea de perceber sua presença e ação” (§9). Em Aparecida, essa dimensão é evidente: o encontro da imagem, os milagres, as orações e a propagação da devoção revelam a fé de um povo que reconhece, na Mãe de Jesus, a intercessora atenta às necessidades humanas.

A imagem, mesmo sendo pequena e simples, adquiriu uma força simbólica imensurável. Sua coloração escura, longe de ser um detalhe material, tornou-se um ícone teológico e social. Representa a maternidade universal de Maria, que acolhe todos os filhos sem distinção, e evoca, ao mesmo tempo, a identidade do povo brasileiro, marcado pela mistura de raças, pela luta, pela esperança e pela fé. Na leitura espiritual da Igreja, essa particularidade faz de Nossa Senhora Aparecida um sinal de inculturação do Evangelho — um modo como a graça de Deus assume a forma e o rosto de um povo concreto. Como ensina o Papa Francisco na exortação *Evangelii Gaudium*, “a piedade popular é uma força ativamente evangelizadora, portadora de valores da fé que devem ser respeitados e promovidos” (§122).

Assim, o episódio da descoberta da imagem de Nossa Senhora Aparecida transcende a história e se transforma em teologia viva. Ele manifesta a ação providente de Deus que, através de Maria, alcança os humildes e transforma realidades simples em sinais de salvação. O rio Paraíba, que acolheu e devolveu ao povo a pequena imagem, torna-se símbolo das águas do Batismo que regeneram a fé e renovam o coração do Brasil. Desde aquele momento, a Mãe Aparecida começou a guiar espiritualmente o povo brasileiro, revelando que o amor de Deus se manifesta, sobretudo, na ternura da Mãe que nunca abandona seus filhos.

3 – A Consolidação de Nossa Senhora Aparecida e a Devoção Nacional

O século XVIII marcou não apenas a descoberta da imagem de Nossa Senhora Aparecida nas águas do rio Paraíba do Sul, mas também o início de uma devoção que, pouco a pouco, cresceu e se enraizou no coração do povo brasileiro. O encontro daquela pequena imagem de terracota, humilde e coberta de lama, tornou-se símbolo de uma presença divina que se revela aos simples e marginalizados, um eco da própria mensagem evangélica. Assim como Maria foi encontrada na simplicidade de Nazaré, também foi “aparecida” nas mãos de pescadores pobres, o que conferiu à devoção um caráter profundamente popular e inclusivo. A Igreja Católica, atenta a esse movimento de fé espontânea, gradualmente reconheceu na devoção a expressão autêntica da religiosidade do povo, digna de acolhimento e orientação pastoral.

Ao longo do século XIX, a devoção a Nossa Senhora Aparecida se expandiu para além das margens do Paraíba, acompanhando o desenvolvimento do Brasil enquanto nação independente. Em 1822, com a proclamação da Independência, a jovem pátria buscava símbolos de unidade e proteção. A Mãe Aparecida, já venerada por fiéis e peregrinos, começou a ser vista como uma intercessora não apenas pessoal, mas nacional. Santuários improvisados foram sendo substituídos por construções mais sólidas, e o fluxo de romarias cresceu em intensidade e fervor. A Igreja, reconhecendo a importância dessa manifestação de fé, deu os primeiros passos rumo à institucionalização do culto, legitimando o que o coração do povo já havia consagrado. Nesse período, a devoção mariana assumiu também um papel de resistência espiritual diante das dificuldades políticas e sociais do Brasil Império, fortalecendo a identidade católica do país.

O século XX representou o amadurecimento pleno dessa devoção. Em 1904, a imagem de Nossa Senhora Aparecida foi solenemente coroada por decreto do Papa Pio X, em uma cerimônia marcada por profunda emoção e pela presença de milhares de fiéis. Tal coroação simbolizou o reconhecimento oficial da Igreja Católica à realeza espiritual de Maria sobre o Brasil. Posteriormente, em 1930, o Papa Pio XI proclamou Nossa Senhora Aparecida como Padroeira do Brasil, elevando a devoção a um patamar nacional e eclesial. Este ato pontifício foi não apenas uma honraria simbólica, mas um testemunho da íntima ligação entre o povo brasileiro e a Mãe de Deus. A partir desse momento, a história da nação e a história da fé mariana se entrelaçaram de modo indissolúvel, e o nome de Aparecida passou a representar um ponto de convergência entre fé, cultura e identidade nacional.

Com o passar das décadas, a consolidação do culto se traduziu em grandes obras e gestos concretos de fé. A construção da nova Basílica Nacional, iniciada em 1955 e concluída no final do século XX, foi expressão visível da grandiosidade espiritual que Nossa Senhora Aparecida alcançou no coração do povo brasileiro. A Basílica, hoje o maior santuário mariano do mundo depois de Guadalupe, não é apenas um templo de pedra e tijolos, mas um símbolo da casa materna onde todos os brasileiros se encontram. Ali, a Mãe de Deus acolhe peregrinos de todas as origens, credos e condições, revelando, por meio da sua presença silenciosa, o amor universal e inclusivo de Cristo. O Santuário Nacional, administrado com zelo pastoral pelos missionários redentoristas desde o século XIX, tornou-se o coração pulsante da devoção mariana no Brasil, irradiando espiritualidade, solidariedade e evangelização.

A consolidação do culto de Nossa Senhora Aparecida, portanto, não pode ser compreendida apenas como um fenômeno religioso popular, mas como um movimento teológico e cultural que expressa a busca do povo brasileiro por sentido, identidade e proteção sob o olhar materno de Maria. A Igreja Católica, através de seus papas e bispos, reconheceu na fé simples do povo um verdadeiro “sensus fidei”, ou seja, um instinto espiritual que conduz os fiéis ao coração da verdade revelada. Essa harmonia entre



o *sensus fidei* e o magistério da Igreja é um testemunho da ação do Espírito Santo, que conduz a fé popular à maturidade eclesial. O Papa João Paulo II, em sua visita a Aparecida em 1980, reafirmou esse vínculo sagrado ao dizer: “Com a vossa Mãe Aparecida, o Brasil será sempre um povo de Deus, fiel ao Evangelho e ao amor de Cristo”.

Assim, a devoção nacional a Nossa Senhora Aparecida tornou-se um dos pilares espirituais da identidade brasileira, unindo fé e cultura, história e esperança. Em cada romaria, em cada vela acesa diante da imagem, o povo renova sua confiança na intercessão daquela que é “cheia de graça”. A consolidação do culto à Mãe Aparecida revela, portanto, que a verdadeira devoção mariana conduz sempre a Cristo, como recorda o Concílio Vaticano II na *Lumen Gentium* (n. 66): “Maria, pela sua maternal caridade, cuida dos irmãos de seu Filho, que ainda peregrinam e se acham em perigos e ansiedades até que sejam conduzidos à pátria bem-aventurada.” Assim, sob o manto azul de Nossa Senhora Aparecida, o Brasil continua a peregrinar, confiante de que, com Maria, chegará mais plenamente a Cristo.

4 - A Mensagem Teológica e Mariana da Devoção

A devoção a Nossa Senhora Aparecida é, antes de tudo, uma expressão viva da teologia mariana, que vê em Maria o modelo perfeito da criatura humana em comunhão com Deus e em total disponibilidade à graça divina. A figura de Maria, sob o título de Aparecida, reflete com especial força a mensagem central do Evangelho: a presença de Deus se manifesta nos pequenos, nos humildes e nos que confiam plenamente em sua misericórdia. A imagem negra, encontrada nas águas por pescadores simples, não é apenas um símbolo histórico, mas uma epifania da proximidade divina com os mais pobres. Em seu silêncio e pequenez, a Mãe Aparecida recorda que o poder de Deus se revela na fraqueza, e que sua glória se manifesta na simplicidade da fé.

A Igreja Católica, em sua tradição teológica, ensina que Maria é o “ícone escatológico” da humanidade redimida, aquela que, assumida aos céus, mostra o destino final de todos os que se unem a Cristo. Na devoção a Nossa Senhora Aparecida, essa verdade é contemplada sob uma forma concreta e encarnada na realidade brasileira. O povo vê em Maria não apenas a Rainha gloriosa do céu, mas a Mãe que caminha com seus filhos nas lutas e sofrimentos da vida. Essa dimensão mariana da fé revela uma teologia da encarnação vivida no cotidiano, na qual a presença de Maria não é distante, mas terna, próxima e solidária. A experiência devocional do povo brasileiro confirma o ensinamento do Concílio Vaticano II, na *Lumen Gentium* (n. 62), quando afirma que Maria “continua a interceder pelos irmãos de seu Filho, que ainda peregrinam na terra, cercados de perigos e dificuldades, até que sejam conduzidos à pátria bem-aventurada”.



A teologia mariana de Nossa Senhora Aparecida está intimamente ligada à sua dimensão cristológica. Maria nunca é o fim último da devoção, mas o caminho que conduz a Cristo, como ensina o princípio mariano “Ad Iesum per Mariam” — *A Jesus por Maria*. Cada gesto de fé, cada prece dirigida à Mãe Aparecida, encontra seu cumprimento em seu Filho, o Redentor. O título de “Aparecida” evoca não apenas o fato histórico da aparição da imagem, mas também o sentido espiritual de uma presença revelada: Maria aparece, ou melhor, é manifestada, para conduzir os corações a uma fé mais profunda em Deus. Ela é o “sinal” (cf. Lc 2,34) que aponta para Cristo, e sua missão materna é fazer com que os fiéis redescubram a alegria de seguir o Evangelho com simplicidade e amor.

A cor escura da imagem, marcada pelo tempo e pelas águas do rio, também possui um valor simbólico e teológico de grande profundidade. Para muitos teólogos e pastores, essa tonalidade representa a identificação de Maria com os pobres, com os marginalizados e com a diversidade do povo brasileiro. Em um país formado por tantas raças, culturas e realidades sociais, a imagem negra de Nossa Senhora Aparecida revela uma Mãe universal, que acolhe todos os seus filhos sem distinção. Ela é a Mãe da Igreja e da humanidade, como proclamou o Papa Paulo VI na *Marialis Cultus* (n. 56), quando afirmou que “Maria é a Mãe de todos os homens, porque, unida ao novo Adão, cooperou de modo singular para a regeneração espiritual da humanidade”. Assim, a Mãe Aparecida, em sua simplicidade, reflete a teologia do amor inclusivo de Deus e convida todos os fiéis a viverem a fraternidade como expressão concreta do Evangelho.

No coração da mensagem teológica da devoção a Nossa Senhora Aparecida está o tema da *esperança*. A aparição da imagem nas águas do rio Paraíba, logo após tentativas frustradas de pesca, representa a irrupção da graça divina em meio ao desespero humano. É um sinal de que Deus age quando as forças humanas se esgotam, e que a fé perseverante é sempre recompensada. Essa mensagem é profundamente bíblica, recordando episódios como o de Pedro e os pescadores no lago de Genesaré (Lc 5,1-11), onde, após uma noite sem frutos, a obediência à palavra de Cristo trouxe abundância. A devoção a Aparecida convida, portanto, à confiança inabalável na providência divina e à certeza de que, nas horas mais escuras, Maria aparece como sinal da esperança que não decepciona (cf. Rm 5,5).

Do ponto de vista espiritual, a devoção à Mãe Aparecida é uma escola de vida cristã. Ela ensina a humildade, a confiança e a entrega total à vontade de Deus. Ao contemplar sua imagem, os fiéis são chamados a imitar suas virtudes: a escuta atenta da Palavra, a fé firme mesmo nas provações e a caridade ativa que se traduz em serviço aos irmãos. A Mãe Aparecida é o espelho da Igreja e o modelo de discipulado, como recorda o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (n. 288): “Como verdadeira mãe, caminha conosco, luta conosco e derrama incessantemente a proximidade do amor de Deus”. Assim, a



devoção mariana não é fuga do mundo, mas impulso missionário, uma espiritualidade que transforma o coração e inspira ações concretas de amor e justiça.

Por fim, a mensagem teológica de Nossa Senhora Aparecida é uma mensagem de unidade. Em um país marcado por contrastes e desafios sociais, Maria surge como sinal de reconciliação e comunhão. Sob o seu manto, o povo encontra abrigo e consolo; na sua intercessão, encontra força e renovação espiritual. Sua presença é um lembrete constante de que a Igreja é chamada a ser “casa e escola de comunhão” (São João Paulo II, *Novo Millennio Ineunte*, n. 43), e que a verdadeira devoção mariana leva sempre ao compromisso com o Evangelho e com o próximo. Nossa Senhora Aparecida, portanto, não é apenas a Padroeira do Brasil, mas o ícone da fé viva de um povo que, em meio às águas da história, encontra nela a Mãe que aparece para conduzir à luz de Cristo.

5 - A presença de Nossa Senhora Aparecida na Vida e na Espiritualidade do Povo Brasileiro

A presença de Nossa Senhora Aparecida na vida do povo brasileiro ultrapassa os limites da devoção religiosa e se inscreve na própria alma nacional. Desde o momento de sua aparição nas águas do rio Paraíba, a pequena imagem tornou-se companheira inseparável da história do Brasil, presente nas alegrias, nas dores e nas esperanças de milhões de fiéis. A devoção à Mãe Aparecida se confunde com o pulsar da fé cotidiana: está nas procissões que percorrem as ruas das cidades, nas pequenas capelas de beira de estrada, nos oratórios das casas simples e nas grandes romarias ao Santuário Nacional. É uma fé que se expressa em gestos humildes — uma vela acesa, uma prece silenciosa, uma lágrima de gratidão — e que revela uma profunda confiança na presença maternal de Maria. A “Senhora Aparecida” é vista como aquela que compreende as dores do povo e que, como intercessora fiel, apresenta seus filhos ao coração misericordioso de Cristo.

Na espiritualidade popular, Nossa Senhora Aparecida é invocada em todos os momentos da vida: no nascimento das crianças, nas doenças, nas dificuldades financeiras, nos perigos da estrada e até nos momentos de decisão e de vocação. O povo brasileiro aprendeu a confiar na Mãe Aparecida como um reflexo do amor divino que não abandona ninguém. Essa confiança filial tem raízes teológicas profundas, pois expressa o reconhecimento da maternidade espiritual de Maria, ensinada pela Igreja desde os primeiros séculos do cristianismo. O Concílio Vaticano II, na *Lumen Gentium* (n. 62), recorda que “esta maternidade de Maria na ordem da graça perdura sem cessar, desde o consentimento que fielmente deu na Anunciação e que manteve sem hesitação junto à cruz”. A presença de Aparecida é, portanto, a atualização contínua dessa maternidade espiritual, vivida no coração do povo que recorre à sua proteção.

A espiritualidade mariana em torno de Nossa Senhora Aparecida é marcada por uma profunda dimensão comunitária. A romaria ao Santuário Nacional é uma das expressões mais belas dessa fé



partilhada. Milhares de peregrinos percorrem longas distâncias a pé, de bicicleta, a cavalo ou de carro, movidos por promessas, agradecimentos ou simples desejo de estar diante da Mãe. Cada peregrinação é uma catequese viva: o esforço, o silêncio, o canto e a oração transformam o caminho em um verdadeiro itinerário espiritual. O Papa Francisco, em sua homilia no Santuário Nacional em 2013, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, afirmou que “Aparecida é o coração mariano do Brasil; é o lugar onde o povo encontra refúgio e esperança, onde Maria ensina a perseverar na fé e a confiar na providência de Deus”. Essas palavras sintetizam o sentido da romaria como experiência de fé viva e renovadora, na qual o povo se reconhece como parte de uma grande família espiritual reunida sob o manto materno da Virgem.

A devoção à Mãe Aparecida também se manifesta na vida litúrgica e sacramental da Igreja no Brasil. A festa de Nossa Senhora Aparecida, celebrada no dia 12 de outubro, é ocasião de grande júbilo nacional, unindo fiéis de todas as dioceses em oração e gratidão. A data, instituída como feriado nacional em 1980, durante a visita do Papa João Paulo II, é símbolo da consagração do Brasil à sua Padroeira. Nas paróquias e comunidades, multiplicam-se novenas, terços, missas e celebrações marianas que expressam a fé viva do povo. O culto à Mãe Aparecida é, assim, uma escola de liturgia e espiritualidade, pois conduz os fiéis à adoração de Cristo e à vivência dos sacramentos. Como recorda o Papa Bento XVI, em seu discurso na V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em Aparecida (2007), “a piedade popular é um tesouro precioso da Igreja, no qual se expressa a alma dos povos latino-americanos”. A devoção a Nossa Senhora Aparecida é, portanto, uma manifestação concreta dessa piedade que evangeliza e transforma corações.

A presença da Padroeira do Brasil na vida cotidiana dos fiéis também se estende ao campo social. A figura de Maria inspira inúmeras obras de caridade, projetos de evangelização e ações pastorais que buscam traduzir o amor materno em gestos concretos de solidariedade. O Santuário Nacional, administrado pelos Missionários Redentoristas, é exemplo disso: além de acolher milhões de peregrinos por ano, mantém projetos sociais voltados à educação, saúde, assistência a famílias carentes e formação cristã. A espiritualidade de Aparecida não se encerra no templo, mas se prolonga nas ações de amor que brotam da fé. A verdadeira devoção mariana, como ensina o Papa Paulo VI na *Marialis Cultus* (n. 57), “leva os fiéis a imitar as virtudes de Maria, especialmente sua fé, sua esperança e sua caridade”. Assim, a fé em Nossa Senhora Aparecida não é apenas contemplativa, mas ativa, missionária e comprometida com o bem comum.

Por fim, Nossa Senhora Aparecida representa para o povo brasileiro a síntese da esperança e da confiança em Deus. Em meio às dificuldades sociais, às crises econômicas e às dores humanas, a Mãe Aparecida é sinal de consolo e de perseverança. Ela é lembrada não apenas como intercessora, mas como



presença viva que acompanha a nação em sua caminhada. O seu olhar sereno, o seu semblante pequeno e acolhedor, recordam a ternura divina que não abandona os seus filhos. A espiritualidade popular em torno de Aparecida revela uma teologia do encontro: o povo vai ao encontro da Mãe, e nela encontra o próprio Cristo. É uma fé simples, mas profundamente encarnada, que une o céu e a terra, o humano e o divino. A Mãe Aparecida é, em última instância, o ícone da presença amorosa de Deus no coração do Brasil, e seu culto é expressão do amor que transforma, consola e renova a esperança de um povo que caminha na fé.

6 - Interpretação sob a Ótica da Igreja Católica Apostólica Romana

A devoção a Nossa Senhora Aparecida, sob a ótica teológica e pastoral da Igreja Católica, é compreendida como uma manifestação legítima e profunda da fé do povo de Deus, enraizada na Sagrada Escritura e na Tradição Apostólica. A Igreja reconhece na piedade popular mariana uma expressão autêntica do *sensus fidei* — o “instinto da fé” — que, guiado pelo Espírito Santo, conduz o coração dos fiéis à verdade revelada. A devoção à Mãe Aparecida não é um culto paralelo, mas uma forma viva de participação na única mediação de Cristo, o Salvador. Como ensina o Concílio Vaticano II na *Lumen Gentium* (n. 60), “a função maternal de Maria em relação aos homens de modo algum obscurece ou diminui a mediação de Cristo, antes mostra a sua eficácia”. A veneração da Padroeira do Brasil é, portanto, profundamente cristocêntrica: toda súplica dirigida a Maria é, em última instância, um clamor ao próprio Cristo, por meio de sua Mãe.

A Igreja Católica vê em Nossa Senhora Aparecida um sinal privilegiado da presença amorosa de Deus no meio do seu povo. A imagem encontrada nas águas do rio Paraíba é interpretada à luz da teologia dos sinais, tão cara à tradição bíblica e cristã. Assim como Deus se revelou ao seu povo através de sinais concretos — a sarça ardente, a arca da aliança, o maná no deserto —, também na história brasileira Ele se manifestou através do sinal da pequena imagem da Virgem. Para a Igreja, Aparecida é um sinal de fé, esperança e amor, destinado a recordar que a providência divina age de forma concreta na vida dos homens. O Papa Francisco, em sua homilia no Santuário Nacional em 2013, afirmou que “Deus se manifesta nos gestos simples e humildes, e Maria é o grande sinal dessa presença: Ela aparece para nos conduzir à ternura e à misericórdia do seu Filho”. A presença da Mãe Aparecida é, assim, uma catequese silenciosa sobre a ação amorosa de Deus na história humana.

A teologia mariana da Igreja ensina que Maria é modelo e imagem da Igreja. Ela representa o que a Igreja é chamada a ser: fiel, obediente, cheia de graça e totalmente voltada para Cristo. Nesse sentido, a devoção à Mãe Aparecida tem um profundo valor eclesiológico. O Papa Paulo VI, na exortação apostólica *Marialis Cultus* (1974), recorda que o verdadeiro culto mariano deve sempre conduzir à



liturgia e à vida sacramental, alimentando a fé e promovendo a caridade. A Igreja no Brasil, especialmente através da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), tem insistido nesse aspecto: a devoção popular deve ser evangelizada e evangelizadora. Não se trata de um sentimentalismo religioso, mas de uma expressão viva da fé que precisa ser continuamente iluminada pela Palavra e pelos sacramentos. A devoção a Nossa Senhora Aparecida, quando vivida à luz da fé católica, se torna um poderoso instrumento de conversão e renovação espiritual.

A presença da Mãe Aparecida é também interpretada pela Igreja como expressão da opção preferencial de Deus pelos pobres e humildes. A forma como a imagem foi encontrada — fragmentada, suja de lama e restaurada pelas mãos de pescadores — contém uma forte mensagem evangélica: Deus se revela na fragilidade, e sua graça se manifesta nas realidades mais simples. Essa dimensão teológica está em perfeita harmonia com o Evangelho de Lucas, que apresenta Maria como a humilde serva do Senhor exaltada por Deus (Lc 1,46-55). A Igreja reconhece, nesse episódio, um sinal de sua própria missão: ser portadora da boa nova aos pobres, anunciando a esperança mesmo em meio às águas turvas da vida. Essa interpretação foi reafirmada durante a V Conferência de Aparecida (2007), cujo documento final, aprovado pelo Papa Bento XVI, destacou a importância da piedade popular como “um lugar teológico onde o Espírito Santo age para evangelizar e renovar a fé dos povos”.

Do ponto de vista pastoral, a Igreja considera a devoção a Nossa Senhora Aparecida um meio privilegiado de evangelização e catequese. A fé mariana do povo brasileiro é, para os pastores, uma ponte entre o coração e o Evangelho. Como ensina o Papa Bento XVI no *Documento de Aparecida* (n. 258), “a piedade popular é o modo como a fé, recebida e vivida na Igreja, se encarna em uma cultura e se torna força evangelizadora”. A missão da Igreja, portanto, não é apagar essa devoção, mas purificá-la e orientá-la para Cristo, ajudando os fiéis a compreender que toda verdadeira veneração mariana culmina na adoração ao Deus Uno e Trino. O Santuário Nacional, com suas missas, confissões, novenas e obras de caridade, é exemplo concreto dessa pastoral encarnada, que une liturgia, fé popular e compromisso social. A Mãe Aparecida, nesse contexto, torna-se mestra de evangelização, modelo de discipulado e sinal de esperança.

A doutrina católica, por fim, vê na figura de Nossa Senhora Aparecida um chamado à unidade e à comunhão eclesial. Ela é a Mãe da Igreja no Brasil, e sob o seu manto todos os fiéis são convidados a viver a fraternidade cristã. O Papa João Paulo II, em sua visita a Aparecida em 1980, proclamou: “Com a vossa Mãe Aparecida, o Brasil será sempre um povo de Deus, fiel ao Evangelho e ao amor de Cristo”. Essa frase sintetiza a compreensão teológica e pastoral da Igreja: Maria conduz a comunidade à fidelidade e à santidade. A imagem da Mãe Aparecida, pequena e frágil, mas revestida de glória, é o ícone da própria Igreja: humana em sua fragilidade, divina em sua vocação e sustentada pela graça. Assim, sob a ótica da



Igreja Católica, a devoção à Padroeira do Brasil é um dom e uma responsabilidade — um dom, porque manifesta o amor de Deus que se revela ao povo; e uma responsabilidade, porque exige que essa fé seja traduzida em vida, caridade e compromisso com o Reino de Deus.

7 - Conclusões

A devoção a Nossa Senhora Aparecida transcende o campo da simples religiosidade popular e se insere no coração da espiritualidade católica brasileira como expressão viva da presença materna de Maria na história do povo. Desde o misterioso encontro da pequena imagem nas águas do rio Paraíba do Sul até a sua elevação como Padroeira do Brasil, observa-se uma profunda dinâmica espiritual que une fé, esperança e identidade nacional. Em cada etapa desse percurso, Maria se manifesta como sinal da predileção de Deus pelos humildes, lembrando que o Senhor exalta os pequenos e confunde os poderosos, como cantado no Magnificat. Assim, o culto a Nossa Senhora Aparecida é, antes de tudo, um testemunho da misericórdia divina que se derrama sobre um povo simples, perseverante e profundamente crente.

Teologicamente, a figura de Nossa Senhora Aparecida reflete o papel universal de Maria na economia da salvação. A Igreja Católica, em seus documentos e magistério, reafirma que a Mãe de Deus participa da missão redentora de Cristo de forma singular, intercedendo pelos fiéis e conduzindo-os ao seu Filho. Em Aparecida, essa mediação se concretiza de modo particular, pois Maria assume os traços do povo brasileiro: acolhedora, sofrida, generosa e cheia de fé. Sua imagem negra, marcada pelas águas, é um ícone de inclusão e de unidade, revelando que em Cristo não há distinção entre raças, condições sociais ou origens. Assim, o culto à Virgem Aparecida adquire uma dimensão eclesial e social profunda, lembrando que o Evangelho deve sempre ser encarnado na realidade concreta dos povos.

Historicamente, o crescimento do santuário, as peregrinações e a consagração da nação à Padroeira mostram que a devoção mariana em Aparecida se tornou um verdadeiro patrimônio espiritual do Brasil. Ela moldou expressões culturais, inspirou obras de caridade, gerou vocações e renovou continuamente a fé de milhões de fiéis. A presença de Nossa Senhora Aparecida nas famílias, nas comunidades rurais, nas grandes cidades e nas celebrações nacionais revela uma fé que ultrapassa as fronteiras da Igreja institucional e se torna parte da própria alma do país. Ao longo dos séculos, sua intercessão tem sido invocada nos momentos de crise e agradecida nos tempos de bonança, sempre apontando para Cristo como o centro da vida cristã.

Em uma leitura espiritual, Nossa Senhora Aparecida representa o rosto materno de Deus que se inclina sobre o povo, acolhendo suas dores e transformando-as em esperança. Sua devoção convida à conversão, à solidariedade e à confiança na providência divina. O fiel que se aproxima de Maria encontra nela um caminho seguro para o encontro com Jesus, uma escola de humildade e um refúgio de amor. A



mensagem de Aparecida continua atual: Deus continua agindo na história, escolhendo os simples para realizar grandes obras, e Maria permanece sendo a serva fiel que nos conduz à obediência da fé.

Portanto, a história e a veneração de Nossa Senhora Aparecida são, ao mesmo tempo, um testemunho de fé e um convite à ação. A Mãe Aparecida chama os cristãos a viverem o Evangelho com autenticidade, a promoverem a justiça e a fraternidade e a reconhecerem a presença de Deus nas águas da vida cotidiana. Sua imagem, tão pequena e ao mesmo tempo tão grandiosa, recorda que o amor de Deus se revela nas coisas simples e que, em Maria, o Brasil encontrou não apenas sua Padroeira, mas uma verdadeira expressão da graça divina que habita entre nós.

8 – Referências Bibliográfica

Bíblia Sagrada, especialmente *Lucas 1:26–56* (Anunciação e Magnificat).

Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium* (cap. VIII).

Papa Paulo VI, *Marialis Cultus* (1974).

Papa João Paulo II, *Redemptoris Mater* (1987).

Papa Francisco, *Evangelii Gaudium* (2013) e *Christus Vivit* (2019).

Catecismo da Igreja Católica, §§963–975, §§2131–2132.

CNBB, Documentos e Homílias do Santuário Nacional de Aparecida.

Santuário Nacional de Aparecida, arquivos históricos e homílias papais (João Paulo II, Bento XVI e Francisco).



Peregrino da Esperança